

A Lição de Graciliano e de Rosa

Francisco J. C. Dantas

Nós, escritores do Nordeste, geralmente não contamos com as ferramentas de aprimoramento cultural que favorecem o estudo e a criatividade. Faltam-nos Universidades bem aparelhadas, instituições que promovam estudos especializados; falta-nos o convívio ou a proximidade com os grandes expoentes da cultura, museus e bibliotecas de alguma projeção; faltam-nos instituições que promovam formação especializada. Assim sendo, aqueles que, entre nós, insistem em aprender, que pretendem atingir um patamar mais elevado, se vêm diante de uma encruzilhada: ou partem para aperfeiçoar os seus estudos e perseguir a sua vocação num meio cultural mais promissor, ou têm de se fazer autodidatas, condenados a uma formação inadequada que terá como consequência uma produção olhada com desconfiança e votada ao anonimato. O insulamento involuntário dificulta a nossa visibilidade fora da região onde atuamos. Essa nossa condição contém algo de dramático.

Por isso mesmo, nas raras vezes em que compareço, como convidado, a algum evento cultural fora do Nordeste, sempre dou um jeito de engastar na minha fala algum nome ou episódio que ressalte os escritores da nossa região, aqueles que, numa luta medonha, venceram inúmeros obstáculos e se impuseram ao cenário nacional unicamente pela qualidade de suas obras.

Este texto, que aqui aparece modificado e bastante reduzido, foi apresentado no 2º Seminário Internacional Guimarães Rosa, em Belo Horizonte, no ano de 2002. Ali, incumbido de falar sobre a influência de Rosa em minha própria ficção, torci as coisas e dei um jeito de colocar em minha fala dois nordestinos: Graciliano Ramos e João Cabral.

Sem mais preâmbulos, adianto que este meu comentário ressaltará três pontos:

1. A honestidade intelectual de Graciliano Ramos, para quem o “bom caráter” é a primeira exigência que qualifica o bom escritor.
2. A compreensão e sensibilidade com que Graciliano ultrapassa a rigidez estética neorrealista, de que era usuário, para se aproximar do texto de Rosa e garimpar aí verdadeiras pepitas.
3. A lição de Rosa e de Graciliano a todos nós, escritores nordestinos que, nas pegadas de ambos, defendemos as nossas raízes e resistimos ao desmantelamento cultural.

Vamos, então ao primeiro ponto: “A honestidade intelectual de Graciliano Ramos”. Começo me reportando ao 2º concurso do Prêmio Humberto de Campos, em 1937, criado pela José Olympio. Nele Rosa, ainda absolutamente inédito, se inscreve com um volume denominado **Contos**, sob o pseudônimo de Viator. São cinco os

jurados: Marques Rabelo e Prudente de Moraes voltam a favor do livro de Rosa. Dias Costa, Graciliano Ramos e Peregrino Júnior votam no romance **Maria Perigosa**, de Luís Jardim.

Todos sabemos o quanto Graciliano era escrupuloso, o zelo que dedicava à correção irrepreensível de sua obra e de sua trajetória de cidadão íntegro. Nada do que fez ou produziu acusa o traço leviano ou irrefletido. Pode ter sido homem de pouca fé. Mas nunca de má-fé. Não seria diferente com aquele seu voto contra Rosa. Mesmo no campo da literatura, nunca foi um vira-casaca. É óbvio que ele votou em Luís Jardim em nome de sua formação clássica e contida, de sua natureza parcimoniosa, do escritor que exorcizava os anacolutos, do revisor de jornais de punho austero, do estilista enxuto que tinha horror às hipérbolos e se poupava a qualquer efusão mais afetiva.

Isso significa que Graciliano apreciou o livro de Rosa com a mesma ferramenta e gosto que empregava na feitura de sua própria obra. Ali, não restam dúvidas, o crivo em que se espelhou foi a sua própria produção. Com isso, talvez tenha errado como artista comprometido de maneira inflexível com a estética neorrealista, errado na medida em que votou em **Maria Perigosa** em nome do já feito, de um texto certinho, mas que não trazia nenhuma novidade excepcional. E no bojo do livro de Rosa, ao contrário, pululavam as excepcionalidades.

Mas Graciliano não votou em vão. Não votou levianamente. E a prova disso é que, apesar de intransigente no que concerne ao credo realista, continuou insatisfeito com a sua escolha, justamente porque tivera sensibilidade para perceber, no escritor mineiro, excelentes atributos, a aventura e a afoiteza criativa que ele jamais se permitira.

Tanto é que no ano seguinte, 1938, a consciência lhe coça. E Graciliano voltará ao assunto no artigo “Um livro inédito”, onde conclama que Viator (Rosa) apareça, que é injusto um escritor de tanta força permanecer inédito. Anota que “Conversa de bois” é uma verdadeira maravilha, que a morte de compadre Joãozinho Bem-Bem é uma página admirável. Mas também, com a mesma clareza, acusa os contos ruins, a existência de páginas campanudas e de mau-gosto.

Ainda insatisfeito, Graciliano voltará ao assunto em 1946, em “Conversa de bastidores”, depois da leitura de **Sagarana**, que fora publicado depois de minudente reelaboração e aprimoramento, e onde se nota a exclusão de três contos, mudança de nome de outros, etc. De forma que **Sagarana** aparece muito diferente do volume que não recebera, no concurso, o voto de Graciliano.

Nesse segundo artigo, Graciliano volta a se reportar a Rosa e confessa aquela sua indecisão em julgá-lo. “Eu desejava sinceramente vê-lo crescer, talvez convencer-me de que havia me enganado, preterindo-o. Afinal, os julgamentos são precários – e naquele tínhamos vacilado. Eu, pelo menos vacilara. Às vezes, assaltava-me vago remorso”.

E então, depois de anotar que **Sagarana** emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração, ele assinala com perspicácia alguns atributos que me parecem realmente pertinentes à obra de Rosa: “a vigilância

na observação”, honestidade na reprodução dos fatos, uma certa dissipação naturalista, alargamento das descrições. Como vemos, esses quatro predicados da arte literária são todos muito caros ao realismo representado por Graciliano. Os dois primeiros como qualidade, os dois últimos como defeito. É, portanto, numa relação especular, sem sair de si mesmo, que ele surpreende essas características em Rosa, conforme já fizera antes, no primeiro artigo.

Mas note-se que, nesse segundo artigo, Graciliano também se ultrapassa, reconhece o mérito na diferença do colega: fala com entusiasmo do ritmo da prosa de Rosa, do lirismo quase versejado descrito em relevo onomatopaico sobre a marcha dos bois. E enfim, depois de encarecer a sua admiração, faz uma terrível premonição que irá se cumprir: “Certamente ele (Rosa) fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando meus ossos começarem a se esfarelar.” E realmente a predição se cumpre. **Grande sertão: veredas** sairá justamente em 1956, quando os ossos do mestre alagoano começam, de fato, a se esfarinhar, visto que ele morrerá em 20 de março de 1953.

Por fim, chego ao último ponto. A lição mais fecunda que Graciliano e Rosa me passaram, acima de todas as diferenças que se interpõem entre eles, é a de que a literatura tem de se abastecer no contexto de formação de cada escritor. Que só podemos escrever exuberantemente quando nos abandonamos e colocamos todos os sentidos em sintonia com as forças inconscientes que nos rodeiam e alimentaram a nossa formação. Acredito piamente que certas circunstâncias exteriores favorecem e fecundam as condições íntimas que constroem a nossa mitologia individual. Essas forças formam o lastro de onde podemos expressar uma visão que será inimitável. Nascem da experiência substancial que só o contato direto possibilita. Sem o necessário mergulho no mundo impalpável que abasteceu o nosso conhecimento, a nossa infância, a nossa mitologia, escrever, no sentido em que estou colocando, é falsear a realidade, é navegar somente na superfície, é deixar escapar o espírito daquilo que se convém aprisionar.

O próprio Graciliano bate nesse ponto. Indagado por que não escrevia sobre o Rio, onde vivia há tantos anos, ele responde: *Não sinto isto. Eu só sinto a minha gente.* E numa outra ocasião, completou: *Nunca saí de mim mesmo. Só posso escrever o que sou.* E, realmente, **Infância** e **Vidas secas**, construídos lá no Rio, estão profunda e visceralmente ligados à meninice do autor em Alagoas.

Neste sentido, Rosa é o nosso escritor modelar. Deu a volta ao mundo, aprendeu a pensar em várias línguas, assimilou as lições universais mais bizarras, navegou por muita filosofia, mas soube se resguardar do espírito espúrio, da racionalização absoluta, do arrivismo, e voltou para nos mostrar que a sua verdadeira vanguarda estava emaranhada no chão de Minas, na opulência de suas raízes. À revelia dos sabichões cosmopolitas que sempre tiveram como secundária a literatura ambientada nos pequenos lugarejos ou na zona rural, Rosa aplicou-se a escutar a sua gente e os seus bichos, a estudar a geografia sociolinguística de sua infância, a

desencavar a substância de seus campos. Com as mãos peludas de bruxo, provou que se pode fazer alta literatura sobre roceiros, campos e bichos, metamorfoseando essa matéria em pura transcendência.

De igual modo, e com a mesma convicção, ele se manteve infenso à nossa mais forte tradição novelística que era então o romance de 30. Desprezou dela a ideologia romanesca que geralmente só enxergava, entre patrão e empregado, as ostensivas relações de classe tão a gosto do materialismo dialético que então preponderava nos nossos meios intelectuais. Aqui Rosa também conservou uma postura solitária e independente que lhe valeria, de alguns colegas mais açodados, a pecha de alienado e conservador.

Mas, imperturbável, Rosa continuou soberano. E orientou sua militância para um espaço mais abrangente. Pegando corajosa e ostensivamente a contramão, construiu uma literatura a contrapelo da tendência então dominante. Deixou de lado o apelo aliciante das grandes cidades com os seus problemas cruciais, tão sedutores para o exercício de uma dialética fácil, e para se explorar as contradições do capitalismo, e ambientou os seus personagens numa outra idade, no campo, e nos pequenos lugarejos sem leis e sem justiça. Veio a demonstrar, do mesmo modo, que entre indivíduos de classes diferentes podem coexistir outros sentimentos que não o simples ódio que medeia a relação entre exploradores e explorados, sem deixar, todavia, de mostrar um bando de loucos, de injustiçados, de párias, de excluídos da ordem social, da organização erigida pelos homens.

Enfim, investindo incansavelmente na originalidade da expressão e, ao mesmo tempo, voltando-se para as suas raízes mineiras, para a profusa herança cultural que lhe coube, Rosa soube contornar os lugares-comuns, e chegou a fazer interpretações extraordinárias sobre o desmantelamento do país e sua gente. Como? Escarafunchando os desvãos de sua região e de sua gente, pondo tudo de ponta-cabeça, submetendo-os ao crivo de seu talento, à tenacidade de seu trabalho. E, ainda de lambugem, deu uma tapa-boca àqueles críticos que sempre andaram arrepiados contra a literatura que, pejorativamente, chamaram de Regionalista. Pioneiríssimo, esse incansável desbravador viabilizou definitivamente, para todos nós, o caminho da literatura ambientada no campo e nos pequenos lugarejos.

Nessa seara, Graciliano, e mais ainda Rosa, são os legítimos fundadores de nossa contemporaneidade.

Francisco J.C. Dantas

Aracaju, 07 de agosto de 20